

OLIVEIRA, J. A.. OS PEDAÇOS FRAGMENTADOS E ARTICULADOS. PONTO.URBE (USP), V. 6, P. 5, 2013. PONTO URBE [ONLINE], 12 | 2013, POSTO ONLINE NO DIA 31 JULHO 2013, CONSULTADO O 27 JANEIRO 2023. URL : [HTTP://JOURNALS.OPENEDITION.ORG/PONTOURBE/598](http://journals.openedition.org/pontourbe/598) ; DOI : 10.4000/PONTOURBE.598

Os Pedacos Fragmentados e Articulados

José Aldemir de Oliveira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/598>

DOI: 10.4000/pontourbe.598

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

José Aldemir de Oliveira, « Os Pedacos Fragmentados e Articulados », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 21 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/598> ; DOI : 10.4000/pontourbe.598

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 Abril 2019.

© NAU

Os Pedacos Fragmentados e Articulados

José Aldemir de Oliveira

Arguição apresentada pelo autor como membro da banca examinadora do concurso de titularidade do professor José Guilherme Magnani, do Departamento de Antropologia da USP, em outubro de 2012.

- 1 Quero agradecer à Congregação pela indicação de meu nome para participar deste concurso, e ao prof. José Guilherme Cantor Magnani pelo convite, estar aqui é uma grande honra.
- 2 Sou de opinião de que em concursos como este, a arguição ao candidato, tal qual a entendemos, não deva ser empregada ao pé da letra. O prof. Magnani já foi suficientemente arguido ao longo de sua carreira, e não há nada de substancial que eu possa acrescentar – quem constrói uma carreira acadêmica formando pessoas, fazendo pesquisas, publicando artigos e livros, organizando grupos de pesquisas, divulgando trabalhos como o site: www.n-au.org e chega a este momento para se submeter ao concurso para o cargo de Professor Titular, já se submeteu há muitas provas acadêmicas e intelectuais e não tem mais que ser testado. Além disso, o conjunto das atividades do prof. Magnani já está largamente comprovado, conforme atesta o Memorial apresentado e o seu curriculum na *plataforma lattés* e principalmente o site do grupo.
- 3 Não vim de tão longo, porém, com dinheiro público, para não fazer nada. E para isso, vou me permitir estabelecer com o prof. Magnani um diálogo a partir de seu Memorial. Começo por destacar a sua inquietude intelectual, o que lhe faz sempre buscar o novo. Quando parece que nada mais surgirá, eis que aparece o Grupo de Pesquisa “Estudos da Comunidade Surda”, já não tão recente assim, visto que criado partir de 2002, para congregar um grupo interdisciplinar visando identificar a rede de sociabilidade dos surdos na cidade (Memorial, p. 19-20).
- 4 Marcando essa inquietude, mais recente o seu olhar sobre as cidades na Amazônia no projeto “Paisagens ameríndias: habilidades, mobilidade e sociabilidade nos rios e nas cidades da Amazônia”, em colaboração com a Ufam, visando realizar uma etnografia de

formas de lazer e modalidades do uso do tempo livre nos espaços de sociabilidade das populações indígenas nas cidades da Amazônia que será continuado a partir da parceria com o Nepecab (MEMORIAL, p. 30).

- 5 A busca do novo e a inquietude marcam o encerramento do seu Memorial: “assim, ao concluir, o presente Memorial termina abrindo novos horizontes: antigas questões em novos contextos que ampliam espaços de reflexão, pesquisa e ensino” (MEMORIAL, p. 37).
- 6 Escolhi então fazer a partir da leitura do seu Memorial dois questionamentos tentando, imagino, não me superpor aos temas dos meus colegas de mesa, nem invadir uma área de especialidade que não é a minha.
- 7 1) O pano de fundo, ou de frente como se abrissem as cortinas de um espetáculo, de todas as suas pesquisas e produção acadêmica, são as cidades (no plural), não que você e seu grupo pesquisem muitas cidades, mas as várias cidades na cidade, especialmente na metrópole de São Paulo. As cidades das festas, das religiões, das tribos, dos jogos, espaços múltiplos de ver e ser visto, de ser e de estar, espaços apropriados, pois que inseridos na dimensão do direito à cidade portadora do sentimento de pertencimento, “a cidade me pertence e eu pertenço à cidade”.
- 8 Nesse sentido, o que você nos apresenta nas suas pesquisas corresponde às reações coletivas e os conflitos que passam pela cultura, pela memória, por gestos, ou seja, por ações concretas dos vários sujeitos sociais que constituem a resistência coletiva à tendência homogeneizante que se lhes impõe. São velhos e novos acontecimentos na cidade que demonstram a sua crescente complexidade, e a busca dos diversos “agentes produtores” do espaço urbano, como assinala o geógrafo Roberto Lobato Corrêa, que se articularem para garantir a sua permanência e o direito a apropriar-se da cidade. Pode-se sustentar, recorrendo-se a Henri Lefebvre, que a ação dos agentes sociais produtores do espaço urbano parte da prática espacial para as representações do espaço e para os espaços de representação. Em que a “prática espacial – engloba a produção e a reprodução de lugares específicos e de conjunto espaciais próprios a cada formação social, assegurando a continuidade numa relativa coesão. As representações do espaço – ligadas às relações de produção, a ‘ordem’ imposta pelos conhecimentos, pelos signos e pelas relações ‘aparentes’. E os espaços de representação – são os simbolismos complexos, ligados ao lado “clandestino” e aos subterrâneos da vida social, mas que emergem como arte que eventualmente se define não como código do espaço, mas como código de espaço de representação (LEFEBVRE, 1986, p. 42-43).
- 9 Por isso, como geógrafo que estuda a cidade, em especial as cidades na Amazônia, quero destacar algo concreto, muito rico, apresentado em seu Memorial, marcando certos pontos de vistas a partir das categorias pedaço, mancha, trajeto e circuito (MEMORIAL, p. 20).
- 10 E por que escolher esse ponto de partida para estabelecer o diálogo? Porque essas categorias encerram, ao meu juízo, as contradições das cidades contemporâneas, qual seja a fragmentação (pedaços, manchas) e articulação (trajeto, circuito) que compõem a essência do espaço urbano.
- 11 O meu contraponto é sem dúvida o espaço partindo da sua perspectiva de pedaço e de seus elementos constitutivos de ordem espacial a que corresponde determinada rede de relações que muda no tempo e no espaço. Aqueles relacionados em **Festa no pedaço** (1998, p. 115) já não são necessariamente os mesmos de agora, ocorreram transformações e permanências. Com certeza os bares permaneceram; o telefone público, não mais.

- 12 O pedaço é o espaço vivido em que ocorre a prática social com a territorialização dos usos abarcando um conjunto de problemas interpenetrados por um denominador comum, que é o cotidiano. Aqui o espaço aparece como concretude, lazer, religião, sociabilidade, cultura popular, esporte, hoje a novela transformado em lugar, geralmente em contextos urbanos onde está a dimensão do vivido (MEMORIAL, p. 22). O cotidiano ganha importância no circo, nos pedaços do centro, nas cartas de taro do viaduto do chá, feiras esotéricas, pedaços do sagrado, festas (MEMORIAL, páginas diversas). O dia a dia, o concreto, mas não é só isso, é também a possibilidade. Isso é importante, porque é no cotidiano que as relações se humanizam, contrapondo-se, especialmente na metrópole, às determinações de um planejamento funcionalista caro às nossas cidades que desconsidera as alteridades e com isso impõe a homogeneização dos costumes e dos modos de vida. Portanto, é no cotidiano, a dizer, no pedaço que brotam as lutas e emergem as resistências.
- 13 Por outro lado, a cidade do nosso agora é por excelência o lugar das contradições que lhe conferem multiplicidades que se entrecruzam na busca de explicações dos inumeráveis significados. Cidade-problema, cidade-representação, cidade-empresa, cidade-plano, seja como for, a cidade aparece e se impõe como domínio da cultura. Há, contudo, um modo de compreender a cidade não como simplesmente um fato, um dado concreto, tampouco como inspiração diletante, mas como objeto de reflexão, constituída de desafio e como tal objeto de questionamento – o centro e a periferia.
- 14 Talvez a principal característica da cidade contemporânea seja a questão social que se transforma em questões urbanas. Na paisagem da cidade está presente o narcotráfico, as manifestações de xenofobia, o racismo, além das carências diversas como de habitação, saúde e educação tornados problemas sociais urbanos. Esses problemas, que não são novos, se agudizam no novo século, com a precarização de quase tudo. São manifestações novas e renovadas do processo de pauperização inerente à “fábrica da sociedade”, ao modo capitalista de produção. Há um contraponto a isso, que eu me arrisco a sustentar ser o lugar, enquanto o espaço vivido por todos, ou como você diria: o pedaço. Não se mora no mundo, mora-se num lugar. Esse lugar pode escapar às tendências de homogeneização colocadas pela sociedade global, pois as forças que criaram a globalização podem também criar o seu contrário. O lugar tem um tempo e um espaço que são muito menos global, pois prenes de significados. No lugar, emerge a diferença e brota a luta.
- 15 É no lugar que nascem os movimentos coletivos a demonstrar que é possível resistir à nova (des)ordem mundial. Antonio Negri classificou, há algum tempo, esses movimentos como ruídos na canção de um mundo único que, frente à política da dúvida, renascem com a política do desejo.
- 16 Entretanto, o lugar só existe quando transcende a ideia de lugar como fato isolado. Nesse sentido, vem o meu questionamento a você: É possível se falar de periferia e centro enquanto espacialidades diferentes ou de outro modo, a periferia está no centro e o centro na periferia enquanto realidades que não é possível mais separar?
- 17 2) Seu Memorial descreve uma trajetória docente tendo como eixo a formação, que aparece em várias passagens, como, por exemplo, as disciplinas que ministra na graduação e pós-graduação, os grupos de estudos, os seminários, a preparação para o campo, o acompanhamento do egresso (onde eles estão), a produção em conjunto com ex e atuais orientandos, a organização de acervo onde destaco o acervo de trabalhos dos

alunos de graduação num total de 627 trabalhos (MEMORIAL, p. 13). São ações que têm a vantagem de conduzir a problematização do seu trabalho para o domínio das atividades formação focada no ensino. Quando da arguição, o prof. João Baptista Borges Pereira, um dos componentes da banca, sustentou que admirava no examinado o fato de ele estar sempre rodeado de alunos. Isso é alvissareiro, num momento em que cada vez mais o ensino parece ser relegado “ao segundo plano”, em especial o ensino de graduação. Na leitura do seu Memorial depreende-se que há uma estratégia para a “formação não funcional”, pois possibilita e faculta as interpretações divergentes abertas a tomadas de posições e escolhas de caminhos para desvendar pedaços e articular circuitos. Quero chamar a atenção desse aspecto, quer do ponto de vista quantitativo são 11 teses de doutorado, 25 dissertações de mestrado, 2 pós-doc, 54 alunos de IC, quer do ponto de vista qualitativo, das orientações 11 viraram livros e 16 orientandos participaram de coletâneas, 10 são professores em universidades reconhecidas (MEMORIAL, p. 22-23).

- 18 Formação, tal como nos acostumamos utilizar, é produto do século 19 e está ligada a um contexto social, histórico e cultural que modela o conceito no que determina a sua realização teórica e domínio da prática e está fincada no individualismo da unicidade, da particularidade, da distinção, do modo pessoal e específico. Pode-se mesmo dizer que a “formação depende da personalidade como seu elemento de reprodução social” (WAIZBORT, 2011). Uma modalidade muito importante desse processo é a Universidade. Ocorre que as práticas universitárias pouco mudaram. Temos a mesma estrutura curricular, pedagógica e administrativa. Há mesmo certa obsolescência das práticas e missão da Universidade não é mais formar pessoas, mas sim produzir especialistas, pois a sociedade do nosso agora privilegia especialistas. O seu Memorial é um alento e aponta possibilidades e esperanças na retomada da formação como missão da Universidade. Pergunto: Será que ainda podemos pensar assim? Ainda há lugar para a formação tal como você propõe e busca executar? Será que ainda é possível se pensar numa formação holística numa sociedade que exige o especialista?
- 19 São esses os pontos que a leitura de seu Memorial me suscitou. Para encerrar a minha participação neste momento, quero me congratular com você, e de parabenizá-lo pelo seu trabalho e atuação como professor. Fui seu aluno na disciplina Antropologia Urbana quando fiz o doutorado nesta Universidade no início dos anos 90, lá se vão mais de 20 anos. Esta Universidade, que já é grande, torna-se maior com a sua postulação à posição de Professor Titular.
- 20 Era a minha intervenção.

BIBLIOGRAFIA

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

LEFEBVRE, Henri. La production de l'espace. 3e édition. Paris: Éditions Anthropos, 1986.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.

WAIZBORT, Leopoldo. Glosa sobre a universidade, a formação e as disciplinas do saber, por ocasião de um concurso universitário. ARS (São Paulo) vol. 9, n. 17. São Paulo, 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-53202011000100010&script=sci_arttext. Acessado em 1 de out. 2012.